



## RESENHA

COUTO, H. H; COUTO, E. K. N. N.; ARAÚJO, G. P.; ALBUQUERQUE, D. B. (Org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia, CEGRAF/UFG, 2016.

Maria Cecília de Magalhães Mollica (UFRJ/CNPq)

Daillane Avelar (UFRJ/CAPES)

*O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos* consiste em coletânea de ensaios escritos por especialistas renomados na área da Ecolinguística. Pioneiros no assunto, são autores de vários países que habilmente nos apresentam conceitos e questões importantes no campo e em áreas conexas, como Edward Sapir, Einar Haugen, Alwin Fill, entre outros pesquisadores recentes. O livro constitui a primeira obra que traduz textos de autoria de expoentes internacionais, ao lado de pesquisadores brasileiros não menos importantes, como Hildo Honório do Couto. É possível, já nos primeiros capítulos do livro, compreender a trajetória da Ecolinguística e as tentativas de conceituar o tema.

Há, inicialmente, uma preocupação em contextualizar o leitor no que se refere a conceitos como os de língua e linguagem e à relação entre língua e meio ambiente. Abrindo a coletânea, Sapir (1888-1939), acompanhado de Romam Jakobson, C. F. Voegelin, F. M. Voegelin e N. W. Schutz, aprofundam questões atinentes ao campo de investigação. Através de vários exemplos, Sapir demonstra como o léxico das línguas, além do sistema fonético, da morfologia e da sintaxe concorre para a constituição de objeto de interesse de linguistas e cientistas sociais na busca da compreensão da interação das línguas e de seus usuários. Traços como status e intimidade, formalidade e autonomia são importantes para estimar a relevância dos sistemas e das comunidades de fala.

O termo Ecolinguística foi sugerido em 1972 por Einar Haugen. À medida que o tema se torna mais frequente, pesquisadores de vulto passam a se ocupar em reafirmar a área. O

livro trata, de maneira clara e com linguagem compreensível, em 530 páginas, como a ecologia estuda as bases sobre possíveis influências ambientais, se refletidas também as forças sociais.

O capítulo *Ecolinguística: a história de uma ideia verde para o estudo da linguagem*, de Alwin Fill, discorre sobre o pensamento de estudiosos sobre o tema, enfatizando o pesquisador Einar Haugen, ao narrar parte de sua biografia. Reforça os conceitos de Haugen sobre a ecologia das línguas, remonta às origens do termo Ecolinguística, as três correntes que se desenvolveram na área (Ecologia Linguística, Ecologia da Língua, Ecologia das Línguas), passando pelo antropocentrismo. O texto ressalta ainda a importância de se focalizar a manutenção da diversidade linguística, tema comumente tratado em outras obras e retomado em vários capítulos da coletânea em seus diversos aspectos.

No capítulo *Porque Ecolinguística*, Adam Makkai mostra como a palavra paradigma é apresentada pelos pesquisadores, mas aponta um problema - a palavra adquiriu outros significados como: prestígio, aceitação, normalidade, regularidade e financiamento. Para enfatizar a importância dos dados em grande quantidade nos estudos envolvendo a linguagem, Makkai faz referência à pesquisa de Marr na antiga União Soviética. Explica o autor as seguintes abordagens teóricas: A gramática gerativo-transformacional (GGT), a gramática gerativa aplicada (GGA), a gramática estratificacional-cognitiva (GSC) e a gramática sistêmico-funcional (GSF). Associa a tagmêmica de Pike e a gramática sistêmico-funcional de Halliday à Ecolinguística e afirma que os cientistas ainda têm muito a pesquisar. Ao fim do texto, Adam Makkai relata a experiência e o aprendizado que obteve ao trabalhar com estudos dessa área.

Em *Ecolinguística: um Enquadramento Conceitual*, Jørgen Chr. Bang e Jørgen Døør refletem a relação entre Linguística Aplicada e a Ecolinguística como atividades sociais. Para os autores, “a linguagem e a ecolinguística são partes de uma cultura, de uma formação social e uma práxis” (p. 121). Os modelos: as contradições nucleares da práxis social, a matriz semântica (incluindo o estudo dêitico) e o paradigma que preconiza diálogo são apresentados de forma bem explicativa e ilustrativa. A categoria sujeito, por exemplo, é estudada à luz dos estudos de M. A. K. Halliday e, através de frase, se descrevem enquanto sujeitos psicológico, gramatical e lógico.

Peter Finke, em *A Ecologia das Ciências e suas consequências para a Ecologia da Linguagem*, objetiva descrever as consequências de se adotar visão ecológica, apresentando três questões preliminares, o preconceito na ciência, na natureza e na cultura,

tanto quanto o papel da lógica. Sobre essa última, o autor levanta a discussão de como a ciência deve se comprometer com uma função moral em relação aos problemas contemporâneos, a exemplo das espécies em extinção. No decorrer do texto, Finke destaca conceitos, soluções e críticas às descrições linguísticas, que costumam analisar a linguagem apenas de forma convencional. Tal reflexão é retomada em outros capítulos do livro e presentemente constitui imperioso desafio à constituição de pesquisas e de modelos inovadores.

Wilhelm Trampe, por sua vez, em *Sobre o papel da linguagem nos sistemas antropológicos*, aborda o papel da linguagem nos sistemas ecológicos antropogênicos, apresentando, inicialmente, pontos de vistas sobre a ecologia linguística. Para distinguir a ecologia da linguagem, o autor identificou algumas características: engajamento ambiental e reciprocidade, totalidade e dinâmica/evolução. Ao apresentar estudo sobre ecologia, afirma que há abertura, reciprocidade, complexidade, hierarquização, dinâmica, estabilidade, produtividade e diversidade no sistema ecológico. Dessa forma, assim como os organismos estão interligados e se relacionam com seu ambiente, também os seres humanos se relacionam através de comportamentos linguísticos. Sobre o sistema língua-mundo, apresenta Trampe algumas de suas características: abertura, reciprocidade, complexidade, criatividade, diversidade, fundamentais para a compreensão da relação ente as propriedades dos sistemas linguísticos e os sistemas e fatores que lhe são exógenos.

Hildo Honório de Couto, autor de livros pioneiros no Brasil em Ecolinguística e um dos organizadores do livro, no capítulo *Linguística Ecosistêmica*, apresenta-nos a denominada linguística ecosistêmica. Além de conceituar diversos termos comuns, o que aprofunda em capítulo posterior, facilita a compreensão acerca da diversidade das línguas utilizando exemplos do próprio ecossistema.

O capítulo *A Ecologia na Universidade*, de Peter Mühlhäusler, também traduzido para o português, trata da possibilidade de inserir a disciplina nas universidades, dada sua importância. Mühlhäusler retoma pontos em relevo destacados em toda a obra, a exemplo da negligência constatada em pesquisas quanto ao papel do meio ambiente em relação à língua e à necessidade de que áreas, como sociologia e economia, assimilem aspectos bioculturais e ecolinguísticos. O autor acredita ainda ser necessário conscientizar a sociedade e a universidade a estudar as línguas minoritárias, para o que apresenta quatro argumentos: argumentos morais (relativos ao direito de cada indivíduo falar a sua língua), argumentos científicos (atinentes ao fato de as línguas diferentes permitirem utilizar diferentes áreas do cérebro), argumentos econômicos (referentes à relação custo-benefício

no estudo das línguas) e argumentos estéticos (que dizem respeito à valorização das diversas culturas e línguas). Ao final, o texto apresenta a abrangência das áreas, fundamentando-as teoricamente e de maneira prática. Ao conferir credibilidade na disciplina, sua meta é a de despertar e incentivar o leitor a estudar Ecolinguística.

Luisa Maffi, autora de *Diversidade linguística, cultural e biológica*, volta-se para questões como vitalidade da variação linguística até à perda linguística, psicológica e social, lembrando que os primeiros pensadores, a exemplo de Whorf, nos idos de 40 não foram produtivos na tradição de estudos sobre a relação entre língua e ambiente, ainda que seu pensamento tenha tido enorme impacto no que se refere à consciência da relatividade na relação entre características linguística e cultural. Lembra Maffi que, mais recentemente, na década de 90, os estudos começaram a se ocupar com a “crise de extinção”, olhando em especial para a biodiversidade global. Tornou-se assim evidente um esforço interdisciplinar para reunir diferentes linhas de abordagens, com vistas à configuração de perspectiva integrada entre diversidade biológica, cultural e linguística. Nesta medida, envidaram-se esforços com o propósito específico de promover o conhecimento e a proteção da diversidade biocultural através de pesquisa, educação e de intervenção prática. Para tanto, identificaram-se “pontos cegos”, instâncias não detectadas por modelos dominantes, incapazes de fornecer soluções adequadas para problemas sociais. Para Maffi, na fase atual, o campo necessita definir melhor os pressupostos teóricos e filosóficos, bem como as perguntas de investigação. É necessária, para tanto, a adoção de abordagem transdisciplinar para fins de produzir pesquisa com resultados para o mundo real, para a política, por exemplo.

Sustenta a autora que o trabalho pioneiro de Harmon verificou a relação entre as espécies naturais e as línguas, para a qual Harmon descobre que países de megadiversidade também ficam entre os 25 países com maior diversidade linguística. Harmon também estabeleceu a relação entre diversidade e espécies floridas, além de identificar vários fatores biogeográficos, em larga escala, como extensa massa de terra, variedades de solos, climas e ecossistemas, ilhas, fatores geográficos, climas tropicais. Nesse ponto, vale lembrar Labov quando postulou que, quanto maior o isolamento, maior a diversidade, ainda que critérios de ausência de isolamento possam também desenvolver a variação linguística. O Pacífico é um exemplo de formação de fronteiras “simpáticas”.

Tal como Harmon por sua vez, identifica fatores biogeográficos que afetam a distribuição mundial e a densidade de linguagem. Supões-se que fatores históricos e econômicos concorrem para a constituição de evidências sobre grande escala econômica e podem

igualmente concorrer para a baixa de variação: o denominado risco ecológico mantém relação estreita com o risco de sobrevivência. É preciso que os indivíduos mantenham as trocas para mitigar o risco ecológico, paralelamente aos nichos ecológicos que se apresentam mais autossuficientes. Nessa direção, Stepp e colegas vêm atestando correlação positiva entre baixa densidade populacional e alta densidade biocultural, pendendo-se para a homogeneização linguística. Medidas têm sido tentadas no sentido de determinar se a diversidade cultural está de fato diminuindo e se acha em sintonia com a biodiversidade. Informa-nos Luiza que tais indicadores ainda se acham na agenda de pesquisas para aprimorar o Índice de Diversidade Biocultural (IDB) e muito está por ser feito e comprovado. O artigo de Luiza lembra finalmente que peritos em línguas em risco e em preservação linguística elencam orientações úteis como indicadores de diversidade linguística.

No capítulo intitulado *Diversidade, contato e ecologia linguística: uma aproximação a partir da complexidade sociolinguística*, Albert Bastardas Boada sustenta ser possível tratar a ecologia contextual e multidimensionalmente, relacionada à mente, à educação e à cultura. Tal perspectiva permite tratar distintos fatores, suas interações e trajetórias históricas. Em 1971, Hagen propôs o termo “ecology of language” destacando estudos sobre meio e contexto. William F. Mackey aplicou-o a investigações sobre contato: os sistemas linguísticos são metaforicamente concebidos como “espécies” sócio-culturais, de modo que se torna pertinente valer-se das semelhanças do contato e da competência entre as espécies para compreender os espaços de conflito entre grupos dominantes e subordinados.

Há então duas correntes ecolinguísticas, uma mais teórica, outra mais sociopolítica e ideológica, com o aumento da consciência social quanto à preservação, aceitação e normatização da diversidade linguística. Boada postula um paradigma holístico, além de tratar da relação língua/espécie. De caráter transdisciplinar, denomina o Boada tal orientação de “ciências das complexidades”. Bateson, por exemplo, desenvolve pensamento de inspiração cibernética para aprofundar a reflexão sobre mente e comunicação humana, dialogando com físicos, como Fritjof Capra e David Bohm, em direção de conceito não fragmentado do mundo. A troca entre cientistas das áreas humanas e sociais torna-se igualmente profícua para se atingir nova conceptualização integrada das sociedades humanas: Elias preconiza os fenômenos emergentes e Edgar Morin se afina a Boada na direção de construir uma ecologia sociocognitiva voltada para parâmetros cérebro/mente, auto-organização, emergência, causalidade circular, retroativa, recursiva e

holográfica. cuja compreensão supõe que a parte está no todo e o todo está na parte.

Boada, por sua vez, lança mão também da metáfora da partitura orquestral e polifônica para expressar o modelo ecossistêmico, de base cognitiva, com a meta de melhor compreensão das formas linguísticas e de seus usos sociais. Não se pode esquecer, alerta Boada, das predisposições cerebrais prévias que dão sustentação à emergência da organização da interação e mantêm ligação com as assimetrias, variedades, estilos e as distintas representações e funcionalidades dos grupos profissionais e laborais. Complementarmente, insiste Boada, é relevante a introdução de pentagrama dedicado às tecnologias da comunicação de massas, assim como o relacionado ao poder político, de decisão de oficializar idiomas, de definir língua franca. Desta feita, tal modelo volta-se para o foco das mudanças de vários níveis, levando-se em conta, sobretudo, o contato, as relações de forças entre distintas dimensões, que podem resultar em desarmonia do ecossistema, em desorganização quanto às leis de manutenção das línguas, enfim, em crise de línguodiversidade. Com efeito, segundo Boada, o paradigma sustentabilista se apresenta como saída para o desenvolvimento da equidade e para a justiça interlinguística.

Louis-Jean Calvet, conhecido teórico no estudo sociolinguístico, em seu artigo *Fundamentos de uma ecologia das línguas*, analisa a Ecolinguística através de pesquisadores consagrados. Com o objetivo de sustentar uma ecologia das línguas, parte do estudo sobre origem, evolução e seleção natural. Segundo Darwin “as diferentes espécies não são o produto de uma criação, mas de uma evolução: toda espécie descende de outra espécie” (p.359). Nessa perspectiva, as línguas passaram por um desenvolvimento gradual, um complexo processo ligado à sua origem, ou seja, a uma genealogia. Calvet trata ainda dos processos de aclimatação e aclimatamento por meio de comparações e questionamentos sobre a origem da língua.

O interessante ensaio intitulado *Sobre a necessidade de submeter o discurso ambiental contemporâneo à investigação reflexiva*, escrito por Richard Alexander, oferece-nos um moderno estudo relacionado a questões ambientais que são expostas na mídia. A pesquisa é centrada nos comunicados de imprensa da BP (companhia de óleo) sobre o derramamento de óleo no Golfo. Esses comunicados, ocorridos entre 21 de abril de 2010 e 23 de abril de 2010, são peças discursivas que se utilizam de eufemismos para justificar eventos desastrosos. Por exemplo: a alegação de que ‘este acidente foi causado por falhas em uma série de processos, sistemas e equipamentos’ terceiriza a culpa, substituindo a responsabilidade humana para as máquinas. Dessa maneira, o texto é repleto de exemplos que revelam as verdadeiras intenções dos comunicados.

Em *O Tao da linguagem: semelhança entre linguística construtivismo social e misticismo*, Arian Stibbe, alude à Física, à Linguística, à Psicologia e à Sociologia para demonstrar reflexões do antigo misticismo oriental. Destaca como os paradigmas voltados para níveis estruturais, incluindo a Semântica Formal, criaram categorias discretas e não lograram êxito quanto ao conhecimento dos sistemas linguísticos, seus usos, papel e função.

Stibbi elenca a teoria dos protótipos, a manipulação ontológica, o apagamento, a representação, a construção social enquanto desafios para quebrar as barreiras do modelo clássico da língua. No entanto, Stibbe considera os modelos como tendências paradigmáticas simplistas acerca da relação entre língua e mundo. Assim, Stibbi prepara o leitor para entender por que os místicos orientais já haviam adiantado as limitações dos modelos empreendidos, constantes nas noções de Tao, de tempo e mudança, na concepção da palavra como filtrado, como resíduo destituído de seus melhores componentes, no entendimento de que a linguagem inventa sua verdade. O texto aponta que a Análise Crítica do Discurso e o Construtivismo Social avançam em relação ao taoísmo e o zen. Oferece o autor, pois, relevante reflexão acerca de que a conscientização de aspectos práticos situa-se além dos sistemas linguísticos.

O capítulo de autoria de Hildo Honório do Couto e Elza Kioko do Couto, intitulado *Análise do discurso Ecológica (ADE)*, deixa clara a natureza holística do objeto de estudo da Ecolinguística que, contemporaneamente, também inclui a Análise do Discurso (AD). Os rótulos Linguística Ecológica Crítica e Ecolinguística Crítica podem ser também cognominados como Linguística Ecocrítica e Linguística Ambiental. Couto & Couto apresentam a versão crítica da Linguística Ecológica a que preferem denominar de Análise do Discurso Ecológica (ADE), cujo escopo não abrange todo e qualquer aspecto da língua. Os autores ressaltam que não se deve confundir com análise do discurso de linha francesa e inglesa.

Como é sabido, ambas têm suas bases marcadamente ideológicas, na visão marxista de Althusser e Gramsci, respectivamente. Aliada à natureza ideológica, as orientações de AD incluem aspectos voltados para as relações de poder. Para os autores, todas essas visões são equivocadas, inclusive a teológica, bem como a defesa do monolinguismo, contrária à ideia de ecologia da diversidade. Outro equívoco prende-se ao maniqueísmo do bom-mau, alto-baixo, grande-pequeno, assim como a influência da psicanálise lacaniana.

Destacam Couto & Couto que a análise ecossistêmica focaliza tanto o processo de produção de texto/discurso, quanto a interação comunicativa. Trata-se de disciplina em defesa da vida, que busca proteger o sofrimento, já que explora, em planos de relevo

semelhantes, a língua e o discurso. Além dos níveis da língua, a área se ocupa das relações entre língua e mundo, da tolerância ao diferente, da diversidade quanto às relações com os seres humanos e com as outras espécies animais. Nas inter-relações, assinalam os autores, pressupõe-se adaptação, holismo, abertura, possibilidade, inquilinismo, comensalismo, mutualismo. Não há lugar para o predatismo, o parasitismo nem para a competição. A ADE constitui a ideologia da vida, ideologia ecológica, a ecoideologia. A preservação identitária é contemplada na análise, assim como a vida espiritual como objeto discursivo, descartando-se ideologias fanáticas.

Dos tópicos privilegiados pela ADE, esclarecem Couto & Couto, estão o autoprotecionismo, as línguas minoritárias, os cultos ao desenvolvimentismo. A preocupação com a territorialização e a desterritorialização são aspectos destacados na análise. À página 458, os autores oferecem um quadro comparativo, classificando os temas contemplados pela a Análise do Discurso Crítica AD(C) e a Análise do discurso Ecológica (ADE), a partir do qual fica claro a episteme da AD(C) e da ADE. Em seguida, os autores acrescentam reflexões sobre questões polêmicas, na sua maioria, ligadas a sofrimento, que não encontra abrigo na ADE, já que o modelo assume postura em defesa incondicional à vida. Tal perspectiva ecológica acolhe a espiritualidade, religião, bem como a linguagem entre indivíduos. Não pode assim afinar-se a modelos que sustentem que a linguagem é resultante de um bioprograma, desprovida totalmente do contexto fora do falante. A macroecologia, suporte para a linguística ecossistêmica é a ecologia profunda (EP) que apregoa a descentralização, configurando-se como discurso ecológico alternativo, comportamento ambiental e mente ecológica.

Para Couto & Couto, é de se compreender que, longe de julgar a AD desimportante, a ADE é um passo à frente na análise do discurso. Sem dúvida, o capítulo é extremamente valioso no conjunto dos outros ensaios do livro, na medida em que organiza didaticamente as distintas áreas voltadas para discurso e oferece minuciosa caracterização de distintas orientações de modelos voltados para análise do discurso.

Em suma, o livro visa conceituar língua e meio ambiente, ressaltar teóricos que contribuíram e contribuem para o surgimento e avanço da Ecolinguística. Sob uma perspectiva evolutiva, em *Ecologia da Língua: algumas perspectivas evolutivas*. Mufwene trata em especial dos fenômenos de manutenção e perda linguística e traz à baila a mente como vetor da evolução. Não deixa, porém, de salientar o papel do falante como reflexo da história e como responsável por escrever a história através dos usos linguísticos adaptados a ocasiões de modo a atender a distintas necessidades comunicativas.



## **E C O - R E B E L**

A valorização da diversidade das línguas, ao fim e ao cabo, incentiva progressivamente a atenção para a Ecolinguística, ainda pouco pesquisada no Brasil. Ao fim da obra, temos a sensação de que devemos explorar mais o tema ou, quem sabe, relacioná-la à nossa área de estudo. De forma crítica e reflexiva, é possível compreender os caminhos percorridos e conhecer a literatura ecolinguística internacional, agora acessível ao leitor brasileiro.

**Recebido: 14/04/2016.**  
**Reformulado: 24/05/2016.**  
**Aceito: 10/06/2016.**

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 2, n. 2, 2016.